

# Balada para outras Isabelas

Olá! Eu vim lhe contar  
um pouco da minha história...  
Peço atenção, seu "dotô",  
um instante, não demora...

Meu nome não é Isabela  
nem "caí" de uma janela  
do quarto no sexto andar...  
(será que pensaram, os insanos,  
que ela sabia voar?)

Não moro num prédio equipado,  
não tenho motos, brinquedos,  
nem piscina pra nadar...  
Eu brinco, às vezes,  
nas poças de chuva,  
com gatos, latinhas,  
bolinhas de gude...  
isso quando não tenho  
que a mãe ajudar...

Não sei dançar, e não brinco  
como menina educada,  
porque aprendi, desde cedo,  
lá no morro onde nasci,  
que não importa o sexo da criança:  
menino ou menina, a experiência,  
é viver o teatro  
da sobrevivência...

Não me chamo Isabela...  
nem fui morta (ainda)  
por meu pai ou madastra...  
mas morro um pouco,  
a cada dia,  
quando sou espancada.

E morro também,  
assim, engasgada,  
obrigada a me calar  
quando tenho mãos sobre mim...  
nem sempre a me sufocar,  
mas explorando,  
de um jeito esquisito,  
que nem entendo direito,  
o meu corpo sem contornos...

Meu nome, não é Isabela...  
Não tenho cabelos lisos,  
nem tenho olhinhos espertos...  
Ao contrário: meus olhos são opacos,  
talvez, por não querer enxergar  
minha dura realidade...

Também não faço teatros,  
lá no palco da escolinha  
... isso não é para mim...  
Quando vou à escola,  
é somente pra comer  
a merenda que me dão...  
pois muitas vezes, em casa,  
não temos sequer o pão...

O máximo que sei é correr:  
morro abaixo, morro acima,  
entre os carros dos sinais...  
para ganhar um trocado,  
ou para fugir dos adultos,  
que insistem em me machucar...

Eu não me chamo Isabela...  
mas, como ela,  
(ou até mais!)  
eu sofro... e diariamente...

Tenho marcas de pancadas,  
queimaduras de cigarros,  
tenho ossos fraturados,  
boca sangrando, hematomas,  
que mãos e pés gigantesco  
me provocam sem motivo...

Não morri, como Isabela...  
Ainda não... mas irmãos,  
amiguinhos, conhecidos,  
eu sempre vejo morrer...

Quem matou? Nunca se sabe...  
"ele caiu", "tropeçou"  
"queimou-se por acidente"  
"estrapada?", "coitadinha"...  
"não fui eu", diz o padrasto,  
"nem eu", diz a mãe omissa...  
e eles não têm nem quem reze  
para eles, uma missa...

Eu não me chamo Isabela...  
sou Maria, Rita, João...  
Sou Josefina, sou Mirtes,  
sou Paulo, Sebastião...  
Sou tantas, tantas crianças,  
que todo dia a omissão  
de todos deixa morrer...

Engraçado é que ninguém,  
faz passeata por mim  
a imprensa não divulga,  
o "figurão" não se importa,  
a classe média não grita,  
os ricos dão de ombros...

Que hipocrisia é essa,  
de chorar por uma só?

São tantas as Isabelas  
violentadas sem dó...

Mas que importam  
os escombros,  
a escória da sociedade?

Se não me chamo Isabela,  
não mereço piedade.

Que o triste caso da pequena Isabela, sirva pra que abramos os olhos para  
o que acontece, todos os dias, com as nossas crianças...

Terezinha Lizieux é ex-aluna do Curso Teológico Pastora e pastora na 4ª  
Região Eclesiástica da Igreja Metodista